

## Percebe?

Paula Miranda-Ribeiro<sup>1</sup>

Escrever sobre o Zé não é tarefa simples, percebe? Primeiro, é preciso cuidar do texto. Quem o conheceu sabe que ele era muito rigoroso com a escrita, sobretudo com as vírgulas, e não quero decepcioná-lo. Depois, é preciso segurar a emoção. Todo mundo que me conhece sabe que me emociono fácil e não seria diferente agora. Por fim, é preciso organizar e selecionar as lembranças, que são muitas, percebe?

A primeira delas me leva a uma sala de aula da Face na Rua Curitiba, 832, provavelmente no 3º andar, talvez a terceira porta do lado esquerdo de quem passava pelo portão de ferro que separava o *hall* dos elevadores do restante do andar. Estávamos no segundo semestre de 1987 e a disciplina era Demografia Econômica. Ele chegava na sala com o copinho descartável contendo giz, numa mão, e o cigarro aceso, na outra. Me lembro especialmente da aula de padronização, com o famoso exemplo do Maine e Carolina do Sul. Tínhamos um exercício para fazer em casa e quem tivesse dúvida poderia procurá-lo na sua sala, no 5º andar do prédio. Com a ingenuidade de uma aluna de graduação de 20 anos, me senti intimidada pelo lugar. Passei pelo escrutínio das secretárias e entrei naquela sala imponente. Lá estava ele, sentado à sua mesa imponente de frente para a porta, numa cadeira igualmente imponente. Era a sala da Diretoria da Face, percebe?

Anos depois, aluna do mestrado, minha memória me leva ao 10º andar da Face, naquela sala de aula bem no fundo do corredor, à direita, onde tínhamos nossas aulas de TAD1. A coorte 91 era barulhenta, divertida e irreverente, então logo pôs um apelido no Zé. Como ele adorava contar suas histórias de pescaria, começamos a chamá-lo de Velho do Rio, em alusão ao personagem de Pantanal, novela de sucesso que havia terminado há pouco. Com a inconsequência dos meus 20 e poucos anos, demos de presente a ele um poncho parecido com o que o personagem usava na novela, para ele usar nas suas pescarias. Acontece que, naquela época, ele era mais novo do que eu sou hoje, percebe?

Ainda no 10º andar, me vejo sentada à mesa do miniauditório, presidindo a primeira banca de doutorado como orientadora, com a insegurança dos 30 anos. O ano era 2005 e a tese, ousada para a época e sobretudo para o programa de Demografia do Cedeplar, combinava métodos quantitativos e qualitativos. Lá estava o Zé, na plateia, sentado na primeira fila, ao lado de outros professores seniores. Na verdade, quem estava sendo avaliada naquele momento era eu, percebe?

O nosso caminho nem sempre esteve florido. Quase uma década depois, no 1º andar da Face no *campus* Pampulha, na sala da vice-diretoria da Faculdade e já eleita diretora, recebo o Zé e, após a minha insistência, ele se senta numa das poltronas. Com a coragem dos 40 anos, travo com ele uma conversa dura e comunico a ele a decisão mais difícil da minha vida como gestora na Universidade, percebe?

Finalmente, em dezembro de 2018, volto plenamente ao 3º andar da Face e me vejo no meu gabinete na sala 3050, bem próximo ao do Zé. Ele costumava chegar no meio da manhã, carregando a sua inseparável pasta preta, numa mão, e o cigarro aceso, na outra. Sempre parava para dar uma palavrinha e, não raro, se sentava para conversar. Um assunto recorrente era a

---

<sup>1</sup> Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

*Rebep.* Ele parecia não ter pressa em chegar ao seu gabinete, percebe? Na hora do almoço, invariavelmente, ele me chamava para ir com ele ao bairro Ouro Preto. Com a maturidade dos 50 anos, eu aceitava o convite com mais frequência do que deveria, na certeza de que o papo com ele e os outros colegas de sempre, a comida deliciosa do fogão a lenha do Eumar e o passeio de Doblò que eu tanto adorava valeriam a pena, mesmo que eu não estivesse com tempo para ir almoçar, percebe?

A última memória me coloca exatamente onde estou agora: em casa, de frente para o computador. Era agosto de 2020, começava o ensino remoto emergencial na UFMG e eu queria produzir material para as aulas de “Introdução à Demografia”. Quando comecei a dar essa disciplina de graduação, ainda no milênio passado, eu costumava convidar o Zé para a última aula, para que ele falasse sobre o futuro da Demografia ou qualquer outra coisa que quisesse. No fundo, eu queria apenas dar aos e às estudantes o gostinho de ver o Zé em ação na sala de aula, ainda que uma única vez. Esse ano, decidi convidá-lo de cara para a primeira aula, para que ele pudesse lhes dizer o que é demografia. Para a última aula do semestre, eles assistiriam “Antes que o sol se ponha”, um lindo documentário feito por Luiza Cruz Guerra sobre a vida do Zé, vida essa que foi uma verdadeira aula de Demografia. Em 5 de agosto, com a ajuda da neta Maria Flor, gravaríamos apenas um vídeo, mas a conversa estava tão animada que acabamos gravando também um segundo, sobre “a dona fecundidade”, percebe?

Voltemos um pouquinho no tempo. Dia 28 de setembro de 2018. Estamos na Rodovia Fernão Dias, voltando do Encontro da Abep em Poços de Caldas. Longa viagem de ônibus. Entre conversas e cochilos, em algum momento me sento ao lado do Zé e, papo vai, papo vem, ele começa a falar sobre a história do nosso programa. Ele me conta vários casos e eu, entusiasmada, me delicio. Digo a ele que precisa transformar tudo aquilo em livro e ele responde que isso é tarefa para os mais jovens. Ele menciona o livro que escrevi sobre os 30 anos da Abep e afirma que eu deveria encarar esse desafio. Mudamos de assunto e combinamos que, juntamente com outros convidados, ele iria à minha última aula da disciplina “Componentes da Dinâmica Demográfica” (CDD), da qual sou responsável pelo módulo de fecundidade. Semanas depois, ligo para o Zé para lembrá-lo da tal aula e ele já me cobra o livro. Digo que tão cedo não teria tempo, pois antes precisava escrever uma tese para ser promovida a professora titular. Para a minha enorme surpresa, ele me diz que eu deveria escrever a tese sobre o nosso programa! Empolgada, imediatamente, começo a fazer entrevistas, sendo ele o meu primeiro entrevistado. Conversamos sempre sobre o assunto e, apesar de tese para professor titular não ter orientador, eu havia ganho um de presente. Um ano depois, ainda sem ter sequer terminado as entrevistas, passa a ser permitido aos e às docentes da Face apresentar um memorial para a promoção para titular. Para a decepção do Zé, escrevo um memorial e deixo a história do nosso programa para um outro momento. Desde então, me sinto em dívida, percebe? Por você e para você, Zé, vou pagá-la.